

Aproximações entre o conceito de mediação pedagógica e a filosofia de Martin Buber

Considering the approximations conceptual between pedagogical mediation, Martin Buber's philosophy

Aproximaciones entre el concepto de mediación pedagógica y la filosofía de Martin Buber

DOI:10.18226/21784612.v30.e025015

Cleberson Pinelli Ribeiro¹

Márcio Danelon²

Resumo: O presente artigo destaca a estreita relação entre a filosofia de Martin Buber e o conceito de mediação pedagógica, enfatizando a importância da promoção de uma educação humanizada e significativa. O problema central abordado é a necessidade de compreender como os princípios buberianos, como o diálogo e a relação interpessoal autêntica, podem, por meio da mediação pedagógica, influenciar positivamente a prática educativa. Os objetivos visam analisar os pontos de convergência entre a mediação pedagógica e a filosofia de Buber, buscando contribuições para uma abordagem dialógica e centrada no encontro genuíno entre os indivíduos. A metodologia qualitativa, embasada em pesquisa bibliográfica, explora as ideias de Buber sobre o diálogo e a relação Eu-Tu, evidenciando a consistência teórica do estudo. Os resultados parciais indicam que a aplicação dos princípios buberianos, na prática educativa, podem não apenas facilitar a compreensão da mediação pedagógica, mas também promover um ambiente de aprendizado enriquecedor, em que o diálogo e o encontro genuíno são valorizados como fontes de crescimento e compreensão mútua. Assim, a interação entre a filosofia de Buber e a mediação pedagógica reforça a importância de uma educação centrada na autenticidade das relações interpessoais e no reconhecimento mútuo, visando uma educação humanizada e significativa.

Palavras-chave: Mediação pedagógica. Diálogo. Relação interpessoal.

Abstract: This paper elucidates the intricate relationship between Martin Buber's philosophy and the concept of pedagogical mediation, highlighting the importance of humanized and meaningful education.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Mestre em Educação (2020) pela Universidade de Uberaba. Possui graduação em Letras e Pedagogia. Atua como professor de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Pública e Particular na cidade de Araçagi MG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7829-9212>

² Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor adjunto IV da Universidade Federal de Uberlândia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0416-7273>

The central issue addressed is the practicality of incorporating Buber's philosophy, emphasizing authentic dialogue and interhuman relations, into education through pedagogical mediation. The objective is to explore the practical applications of Buber's philosophy in pedagogical mediation, focusing on the genuine encounter between individuals. Through bibliography research exploring Buber's ideas about dialogue and the I-Thou relation, the qualitative methodology shows the study's theory consistency. Following the partial results, this paper presents Buber's philosophical elements applied in education practice. These can facilitate pedagogical mediation and further a rich learning environment where dialogue and genuine encounters are valorized as growing sources of mutual understanding. This way, the interaction between Buber's philosophy and pedagogical mediation increases the importance of authentically education-centered and the mutual recognition aiming for humanized meaningful education.

Keywords: Pedagogical mediation. Dialogue. Interhuman relation.

Resumen: El presente artículo destaca la estrecha relación entre la filosofía de Martin Buber y el concepto de mediación pedagógica, enfatizando la importancia de promover una educación humanizada y significativa. El problema central abordado es la necesidad de comprender cómo los principios buberianos, como el diálogo y la relación interpersonal auténtica, pueden influir positivamente en la práctica educativa a través de la mediación pedagógica. Los objetivos buscan analizar los puntos de convergencia entre la mediación pedagógica y la filosofía de Buber, buscando contribuciones para un enfoque dialógico y centrado en el encuentro genuino entre los individuos. La metodología cualitativa, basada en investigación bibliográfica, explora las ideas de Buber sobre el diálogo y la relación Yo-Tú, evidenciando la consistencia teórica del estudio. Los resultados parciales indican que la aplicación de los principios buberianos en la práctica educativa no solo puede facilitar la comprensión de la mediación pedagógica, sino también promover un ambiente de aprendizaje enriquecedor, en el que el diálogo y el encuentro genuino son valorados como fuentes de crecimiento y comprensión mutua. Así, la interacción entre la filosofía de Buber y la mediación pedagógica refuerza la importancia de una educación centrada en la autenticidad de las relaciones interpersonales y en el reconocimiento mutuo, con el objetivo de lograr una educación humanizada y significativa.

Palabras clave: Mediación pedagógica. Diálogo. Relación interpersonal.

Introdução

Os resultados parciais apresentados neste artigo decorrem de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do doutorado em Educação na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), entre os anos de

2021 e 2024. A mediação pedagógica, enquanto abordagem que visa promover uma relação de diálogo e compreensão mútua no contexto educacional, apresenta-se como um tema relevante e atual no campo da educação.³ A filosofia de Martin Buber (1878-1965), com sua ênfase na relação⁴ interpessoal e no encontro genuíno entre indivíduos, oferece subsídios teóricos valiosos para compreensão e aprimoramento da prática mediadora na educação. Nesse sentido, o presente artigo explorou as aproximações entre o conceito de mediação pedagógica e a filosofia de Buber, contribuindo para uma reflexão aprofundada sobre a importância do diálogo e da relação humana no processo educativo.

O problema que motivou este texto reside na necessidade de compreender de que forma a filosofia de Martin Buber poderia influenciar e enriquecer a prática da mediação pedagógica, promovendo uma educação humanizada e significativa. Diante do cenário atual da educação, marcado por desafios como a falta de diálogo, a individualização do ensino e a crescente importância da tecnologia, tornou-se fundamental investigar como os princípios buberianos podem ser pensados no contexto educacional contemporâneo, favorecendo o desenvolvimento integral não só dos estudantes, mas de toda a comunidade escolar na construção de relações mais autênticas.

O objetivo geral deste artigo é apresentar as aproximações entre o conceito de “mediação pedagógica” e a filosofia de Martin Buber, analisando pontos de convergência e possíveis contribuições para a prática educativa. Por meio de uma abordagem qualitativa, cunhada no âmbito da pesquisa bibliográfica, os conceitos buberianos de diálogo, relação Eu-Tu/Eu-Isso e encontro interpessoal foram explorados, fornecendo subsídios teóricos importantes para

³ Destaca-se o levantamento de dissertações e teses feito por Ribeiro e Novais (2022), na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), compreendendo o período de 2014 a 2018, que apresenta que aproximadamente 76% dos programas de pós-graduação que se dedicaram a pesquisar a temática da mediação pedagógica são da área da educação. A maioria dos trabalhos está relacionada aos fundamentos da teoria histórico-cultural, citando Vygotsky e alguns teóricos congêneres.

⁴ Na filosofia de Martin Buber, o termo “relação” adquire um significado mais amplo do que sua definição encontrada no dicionário. Enquanto, no uso corriqueiro, “relação” geralmente se refere a uma conexão ou ligação entre dois ou mais elementos, na abordagem de Buber, a noção de relação é ampliada para abranger a qualidade e a natureza dessas conexões. Desse modo, Buber introduz dois tipos fundamentais de relações: Eu-Tu e Eu-Isso.

refletir sobre o ambiente escolar, a fim de se pensar uma educação humanizada, dialógica e significativa.

Pensamos que a mediação pedagógica e a filosofia de Buber podem ser vistas como abordagens complementares na educação, especialmente quando se trata de promover uma relação autêntica entre os indivíduos da comunidade escolar. Nesse sentido, a mediação pedagógica pode ser compreendida como um elemento importante no processo de ensino e aprendizagem, em que a função mediadora desempenha um papel ativo na criação de um ambiente de aprendizado significativo e transformador.

A mediação necessariamente pedagógica

Segundo estudo realizado por Ribeiro (2020), em que registros de um livro de ocorrência escolar foram utilizados como fontes documentais para investigar a mediação pedagógica, um exemplo que pode definir essa prática é o caso de uma estudante que, segundo a escola, apresenta falta de comprometimento com os estudos. O responsável por ela foi convocado a comparecer à escola e, de acordo com o que está documentado, a discente demonstra mau comportamento em sala de aula, incluindo conversas excessivas e risos altos, além de não realizar as tarefas escolares. Diante do exposto, parece que a mediação pedagógica não é aplicada, uma vez que não há evidências de um diálogo para compreender o comportamento da estudante, mas sim uma tentativa de padronizá-la de acordo com o que a escola considera adequado. A discente, aparentemente, não participou da conversa, e, em relação ao responsável, não há menção de sua fala, exceto quando ele concorda com o exposto pela escola (p. 102-103).

Posto isso, conforme Ribeiro (2021, p. 21), “entende-se por mediação pedagógica a função ou relação que pode ser estabelecida para influir, ou seja, inspirar, sugerir ações diante dos diferentes aspectos do itinerário educativo”. Nesse sentido, se a mediação é necessariamente pedagógica, é porque, diante dela, sempre se comprehende alguma coisa, ainda que não seja aquilo que foi objetivamente ensinado e, portanto, a questão passa a ser o que acontece entre o que se ensina e o que se aprende e não apenas um pretenso resultado final. Esse “entre”, em que acontece a mediação, é o lugar das possibilidades. Na perspectiva deste artigo, diz-se que

se aprende diante da presença do outro, ainda que esse outro possa estar apenas virtualmente, como em um livro, uma música, uma observação, ou concretamente, em uma sala de aula, na condição de estudante, professor, merendeira, secretária etc.

A título de exemplo, há uma situação corriqueira nas escolas país afora e talvez até para além dele: a professora de uma turma de crianças, com idade média de treze anos, precisa se ausentar da sala por alguns instantes. Sem a possibilidade de chamar outra pessoa para ocupar o seu lugar, ela tem a ideia de pedir para um dos estudantes anotar o nome de quem se levantar ou conversar, os quais terão, como penalidade, a proibição de sair para o recreio. A professora sai, deixa a sala em silêncio, volta e a encontra do mesmo jeito que deixou. Mas, no fundo, ela sabe que a turma possivelmente não ficou o tempo todo em vigília e, por isso, vai em direção ao estudante escolhido para tomar ciência dos descumpridores da ordem. Pronto! Ali estão listados todos os que, exemplarmente, são merecedores da punição estipulada.

No entanto, o que não será objeto das preocupações da professora é que, na sua ausência, a turma importou do mundo lá fora o que há de pior nas relações humanas. O responsável pela vigilância beneficiou seus colegas mais próximos, sendo permissivo para com eles, puniu aqueles que outrora o desagradyaram, ainda que não existam motivos o suficiente, barganhou com outros, os quais não havia nem boas e nem más relações, abusou de um poder para o qual não estava maduro o suficiente para exercer. Aliás, jamais estaria, pois nunca poderia ocupar o lugar da professora, sendo um dos iguais. Nesse intervalo no qual a professora precisou resolver alguma coisa fora de sua sala, seus estudantes tiveram uma das mais importantes lições de vida, envolvendo corrupção, privilégio, justiça, igualdade, preconceito etc. Contudo, tiveram-na sem um mestre, sem uma mediação e sairão dali com a sensação de que o mundo talvez seja assim mesmo.

Se a mediação é necessariamente pedagógica, a pedagogia é, por seu turno, relacional e, portanto, tem sua função alicerçada na iminência de se encontrar o outro a qualquer momento. Mesmo que, radicalmente, pense-se na ausência desse outro na educação a distância, por exemplo, o seu ensino só se estabelece por se pensar nele. Além disso, em geral, acredita-se que essa relação e essa

necessidade se constroem a partir do estabelecimento do diálogo como valor irredutível. Não por acaso, a sinergia com o pensamento dialógico de Martin Buber, que apresenta uma visão sobre o diálogo como uma relação sobretudo humana, capaz de promover a compreensão mútua e a construção de significados compartilhados entre os indivíduos.

Buber desafia os paradigmas tradicionais, destacando que as relações humanas não devem ser concebidas unicamente como um meio para um fim, mas sim como encontros autênticos que transcendem a utilidade. Essa perspectiva ressoa com a abordagem deste texto, que visa explorar a potencialidade de enxergar a mediação pedagógica como oportunidade de aprendizado e crescimento. A análise de Buber sobre o diálogo⁵ e a interação humana proporciona uma lente teórica por meio da qual a mediação pedagógica pode ser reexaminada. Sua filosofia sugere que, ao abordar os desafios educacionais com uma disposição de abertura e diálogo, os educadores podem, além de solucionar as discordâncias, nutrir uma compreensão mútua mais profunda e autêntica. Isso, por sua vez, contribuiria para a construção de uma pedagogia mediada que não se restringe à resolução pragmática de conflitos, pois também fomenta o crescimento ético e pedagógico.

Traços da biografia de Martin Buber

Martin Buber nasceu em Viena no dia 08 de fevereiro de 1878, em uma família de tradição judaica. Viveu até os 87 anos. Foi professor na Universidade de Frankfurt, na Alemanha, entre 1924 e 1933, onde ministrou aulas de Filosofia da Religião e Ética Judaica. Em 1938, fugindo da perseguição nazista, foi para a Palestina, ingressou na Universidade Hebraica e se dedicou à filosofia social e à sociologia da religião. Buber foi defensor da coexistência entre árabes e judeus, tema sensível, dada a sua origem. A base de seu pensamento é o diálogo, apontado por ele como única saída para

⁵ Salienta-se o estudo apresentado por Oliveira e Quillici Neto (2022), que procurou avaliar o princípio do diálogo como um possível instrumento pedagógico para os desafios da educação contemporânea. Fundamentando-se na investigação do legado socrático, perscrutando suas possíveis influências no existencialismo contemporâneo, principalmente no pensamento buberiano. Além disso, verificou-se as contribuições do diálogo para o processo de ensino-aprendizagem do século atual; fatores que contribuem, dificultam e/ou inviabilizam a vivência do autêntico diálogo foram explicitados. Também se discorreu sobre possíveis implicações da pedagogia do diálogo nas relações interpessoais e no processo cognitivo.

o mundo em que viveu, dividido e marcado pela intolerância e pela violência, não por acaso, um pouco como nos dias atuais.

Para este momento, não é o caso de empreender uma extensa biografia, que pode ser consultada nas obras de Friedmann (1988); Bartholo (1974); Zuben (1974; 2003) e Buber (1991). As informações coletadas para esse texto, acerca de Martin Buber, foram obtidas a partir de referenciais importantes no Brasil, como na introdução da décima edição da obra *Eu e Tu*, de Martin Buber, com tradução e introdução de Newton Aquiles von Zuben⁶ (1974) e, complementarmente, em *Martin Buber e o sentido da educação*, de Gizele Parreira (2016).

Aos quatro anos, seus pais se separaram e Buber passou a morar na cidade de Lemberg, na Galícia (Europa Oriental), com seus avós paternos, Adele e Solomon Buber. Seu avô era autodidata e amante da palavra, e sua avó era, igualmente, amante dos livros e da palavra, de modo intenso e exigente: “o amor da avó à palavra legítima atuava mais forte sobre mim que a sua (a do avô), por ser este amor tão espontâneo e tão devotado” (Buber, 1991, p. 10), o que influenciou, por esse contexto, a Buber desenvolver seu interesse pelos estudos. Aos 14 anos, voltou a morar com seu pai, estudando nessa ocasião no ginásio polonês de Lemberg.

Antes de estudar na universidade de Viena, Buber, inquieto diante das questões humanas sobre espaço-temporal, começa a ler Immanuel Kant, Søren Kierkegaard e Friedrich Nietzsche, cada um tendo relevada importância para sua formação. Em 1896, Buber passa a estudar em Viena, matriculando-se no curso de Filosofia e História da Arte. De Viena, Buber vai para Zurique e Leipzig, onde estuda filosofia, filologia clássica, história da literatura, história da arte, psiquiatria e economia (1897-1899). Durante

⁶ Newton Aquiles von Zuben, renomado filósofo brasileiro, obteve seu doutorado em Filosofia pela Université Catholique de Louvain, em 1970, com uma tese sobre Martin Buber. Ao longo de sua carreira acadêmica, atuou em importantes instituições de ensino, incluindo a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde se aposentou como professor titular. Atualmente, é professor titular na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, no mestrado em Ciências da Religião. Zuben é reconhecido por suas contribuições significativas para o estudo da filosofia da religião e do pensamento judeu, com ênfase especial em sua análise da obra de Martin Buber, sendo, portanto, considerado como um dos principais estudiosos brasileiros do pensamento deste filósofo judeu. Sua abordagem analítica e aprofundada da obra de Buber proporcionou uma compreensão mais ampla dos conceitos e da filosofia deste importante pensador do século XX.

o período universitário, Buber distanciou-se de sua base familiar. Nesse momento, sentiu-se envolto no ambiente universitário pelos acontecimentos a sua volta, experimentando questionamentos, tensões e possíveis soluções, fatos que o distanciaram, temporariamente, do judaísmo e seus ensinamentos.

Em 1900, por meio do contato com Theodor Herzl, líder do movimento sionista⁷, Buber retornou para as questões judaicas. No ano seguinte, ingressou na Universidade de Berlim, onde foi aluno de W. Dilthey e G. Simmel. Buber toma o professor Dilthey como mestre e, embora não se insira em uma corrente filosófica, as marcas influentes de seu intercessor permitem perceber sua identificação com a questão da filosofia existencial que habitava o pensamento desse professor. Ainda na Alemanha, nas cidades de Leipzig e Zurich, dedicou-se ao estudo da psiquiatria e da sociologia e, em 1904, em Berlim, recebeu o título de doutor em Filosofia. Finalizado o doutoramento, afasta-se do movimento sionista por divergências com a perspectiva política e estatal do presidente e fundador Theodor Herzl.

De volta à Galícia, Buber retomou e aprofundou seu conhecimento e sua vivência no hassidismo⁸. Em 1909, em Berlim, o filósofo tem suas inquietações políticas e sociais potencializadas perante a sociedade industrializada. Diante desse cenário, ele passou a fazer parte de um movimento denominado “a nova comunidade”, no qual conheceu Gustav Landauer e seu conceito de comunidade, o que despertou bastante interesse em Buber.

De 1916 a 1924, foi editor da revista mensal alemã *Der Jude*, fundada por Martin Buber e Salman Schocken, a qual contava também com seu amigo Gustav Landauer, editor do periódico. Em 1923, foi nomeado professor de História das Religiões e Ética Judaica, na Universidade de Frankfurt. No ano de 1925, Buber e Franz Rosenzweig (1886-1929) iniciam a tradução da Bíblia, do hebraico para o alemão, no entanto, Rosenzweig faleceu em 1929

⁷ Movimento político que defende o direito à autodeterminação (princípio que garante a todo povo de um país o direito de se autogovernar) do povo judeu e à existência de um Estado nacional judaico independente e soberano no território onde, historicamente, existiu o antigo reino de Israel.

⁸ Movimento de renovação do próprio messianismo, calcado na busca por simplicidade e identificação com os humildes, liderado pela figura carismática do Rabi Israel Baal Schem Tov, seus ensinamentos alicerçaram-se na importância de verdadeiras relações entre os homens e entre eles e Deus.

e Buber concluiu a tradução somente em 1962. Em 1933, foi destituído do cargo de professor de História das Religiões e Ética Judaica, na Universidade de Frankfurt, pelos nazistas, e, até 1938, Buber permaneceu em Heppenheim, quando aceitou o convite da Universidade Hebraica de Jerusalém para ensinar Sociologia.

Buber morreu em Jerusalém, no dia 13 de junho de 1965, deixando como legado⁹: *Do diálogo e do dialógico* (1982); *Sobre comunidade* (1987); *Eu e Tu* (1974); *Eclipse de Deus: consideração sobre a relação entre religião e filosofia* (2007); *O socialismo utópico* (2007); *O caminho do homem: segundo o ensinamento chassídico* (2011).

Marcas de Buber na pedagogia

O filósofo judeu viveu no século XX, período marcado por conflitos e mudanças tecnológicas, consequências de guerras, disputas ideológicas, domínio crescente dos mercados sobre a economia, preponderância dos meios de comunicação sobre as relações pessoais, entre outros. Obviamente, não se espera, ao fim de cada conjunto de cem anos, que seja feito um balanço ou acerto de contas, no entanto, sobressai a quantidade de mazelas produzidas durante esse século, muitas das quais não foram superadas e se propagaram até os dias atuais, exemplos disso são os conflitos étnicos e religiosos no Oriente Médio, entre Israel e Palestina, e na região da Caxemira, entre Índia e Paquistão; guerras civis, como é o caso da Síria; disputas territoriais, como entre China e vários países do Sudeste Asiático pelo controle do Mar do Sul da China; e conflitos ideológicos e políticos em muitos países, nos quais as divergências persistem, alimentando tensões, como as disputas entre democracias liberais e regimes autoritários, e entre diferentes correntes políticas dentro de um mesmo país.

Com isso, há igualmente uma ideia de que o século XXI parece já ter um século de existência, tal é a percepção de aceleração, de urgência e, ao mesmo tempo, de incapacidade de compreensão do que o tempo atual exige de cada um, ou seja, pouco mais de vinte anos deste século, parece, dada a quantidade de acontecimentos, ter quase cem. Talvez, pode ser essa sensação, fruto da percepção de que há uma névoa que encobre os dilemas mais profundos da

⁹ Ano das obras com edição em português.

humanidade, com seus focos de luz, que desviam o olhar para as produções mais artificiais e efêmeras da existência. Exemplo disso é a influência da tecnologia e da mídia digital que, embora tenham trazido inúmeros benefícios e avanços para a humanidade, também colaboram para a criação de uma cultura de distração e superficialidade, que, por vezes, desencoraja a reflexão profunda e a contemplação sobre questões existenciais mais complexas. Outro exemplo que favorece essa tendência é a cultura do consumismo exacerbado e do materialismo. Portanto, atentar-se para onde Buber conseguiu olhar como homem vivente do seu tempo e crítico, que apostou na capacidade humana de provocar novos caminhos, corrobora despertar reflexões e atitudes pertinentes às experiências do presente.

A necessidade de se voltar ao século passado para compreendê-lo dá-se pela percepção de que há continuidades duradouras e rupturas breves, que hoje parecem tão fragilizadas e que outrora despertaram inquietações no filósofo. Assim sendo, a compreensão do século XXI inspira a necessidade de reconhecimento dos diferentes componentes que produziram o cenário que se tem hoje, sem, contudo, desconsiderar a ação das pessoas que vivem hodiernamente os desafios herdados, mas também os produzidos por elas mesmas. E, para nós, a mensagem de Buber é pertinente hoje, justamente pela reflexão permitida acerca do grande gargalo do tempo atual, que é o diálogo.

Ao deter-se ao contexto educacional atual, ou, mais especificamente, ao espaço escolar, são notórios os equívocos associados ao pensamento do diálogo, compreendido aqui como elemento essencial à mediação pedagógica. Tenta-se colocar o estudante como protagonista, como falante ativo, no entanto, muitas vezes a tentativa é de condicionará-lo a um protagonismo direcionado e a uma voz repetidora do jogo de regras vigente. Os que ousam ultrapassar as barreiras de um conceito moldado são vistos como ameaças ao controle, ameaças à disciplina do “homem cordial”¹⁰. Ainda acerca desse modelo, há a pressão exercida sobre

¹⁰ Gilberto Freyre, na obra *Casa-grande e senzala* (2006), refere-se a uma característica do povo brasileiro, que se destaca pela sua afabilidade, proximidade emocional e informalidade nas relações sociais. Segundo Freyre, essa cordialidade é uma herança cultural da miscigenação entre diferentes povos que formaram a sociedade brasileira, resultando em uma forma peculiar de lidar com as interações sociais, marcada pela intimidade e pelo afeto.

os estudantes para que alcancem notas elevadas nas avaliações padronizadas, como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e outros vestibulares. Nesse contexto, muitas vezes, o foco recai exclusivamente sobre os conteúdos cobrados nessas provas. Os estudantes são, na maioria das vezes, incentivados a memorizar informações e fórmulas, em vez de serem estimulados a pensar criticamente, resolver problemas complexos e desenvolver sua criatividade.

Outro exemplo ocorre dentro do ambiente escolar, nas aulas expositivas, em que o professor apresenta deter o conhecimento e os estudantes são passivos receptores das informações, havendo pouca oportunidade para o verdadeiro diálogo e construção conjunta do saber. Da mesma forma, em situações de desacordo, a tendência frequentemente é silenciar as vozes discordantes em vez de promover um debate aberto e construtivo.

Buber (1974) contribuiu à pedagogia com conceitos que usava em sua defesa da paz, o que, consequentemente, delineou a compreensão em curso da mediação pedagógica. Ele explica como, a seu ver, o processo educativo deve privilegiar a conversa e a cooperação entre as crianças. Para ele, saber se relacionar é mais importante do que ser individualmente bem-sucedido. Diante disso, a obra *Eu e Tu* (1974) mostra que a vinculação entre o indivíduo e o mundo é, sobretudo, uma relação de diálogo. Segundo ela, a maioria das pessoas vive em um estado de “Eu-Isolado”, em que se percebem como seres separados do cosmo e dos outros seres humanos. No entanto, o autor argumenta que essa percepção é equivocada, pois a verdadeira essência da existência humana é a relação dialógica com o outro e com o mundo. Nesse sentido, é possível aproximar e compreender o diálogo como elemento mediador na educação, pois, em nosso entendimento, constitui-se um conceito promissor para a reflexão em torno da mediação pedagógica.

O diálogo como mediação pedagógica

Acerca do conceito da palavra “diálogo”, na concepção de Buber, destaca-se que ele discorre sobre o termo, abordando suas diferentes facetas em diferentes situações. Em *Eu e Tu*, ele apresenta três esferas de relações possíveis para o diálogo: a relação do homem com o mundo, a relação entre os homens e a relação primordial do

homem com Deus. Posteriormente, em *Do Diálogo e do Dialógico* (1982), ele explicita detalhadamente como o diálogo se configura e ocorre entre os homens. De acordo com Zuben (1974),

é notável em Buber o sentido profundo de diálogo que se estabelece entre sua própria vida e a sua reflexão. Ambas firmam um pacto de profundo e mútuo compromisso. São auto determinantes. Para Buber, porém, o conteúdo vivido da experiência humana, em todas as suas manifestações, vale mais que qualquer sistematização conceitual (Zuben, 1974, p. 21).

Em síntese, é possível compreender o conceito de diálogo, segundo Buber (1982), como um encontro autêntico e profundo entre indivíduos, caracterizado por atenção, receptividade, intimidade, reciprocidade e a possibilidade de transformação e comunhão. A dinâmica do diálogo, conforme o filósofo, requer uma postura de abertura e engajamento ativo dos indivíduos. Buber reconhece que o diálogo autêntico pode ser difícil de ser alcançado, devido aos desentendimentos que surgem entre as pessoas. Ele argumenta que o desentendimento surge quando a relação entre as pessoas é baseada em uma percepção de dominação e submissão, em vez de uma relação de diálogo e reciprocidade,

Eu posso dominar tão radicalmente sua presença e sua forma que não reconheço mais nela senão a expressão de uma lei – de leis segundo as quais um contínuo conflito de forças é sempre solucionado ou de leis que regem a composição e a decomposição das substâncias (Buber, 1974, p. 08).

Isso representa como a dominação pode levar a uma perda da percepção da humanidade do outro, reduzindo-o a uma mera manifestação de uma lei ou de um objeto. Essa relação de dominação, na qual um indivíduo é submetido à vontade do outro, pode levar a um embate, pois nega a possibilidade de diálogo e de reciprocidade. Essa associação não permite a existência de uma comunicação autêntica e recíproca entre eles, portanto, não há subsídios que favoreçam a mediação. Compreende-se que, na relação Eu-Tu autêntica, os indivíduos reconhecem-se mutuamente como seres humanos completos e únicos, estabelecendo um diálogo autêntico que é a base da comunicação recíproca e da possibilidade

de uma convivência pacífica e harmoniosa. Nesse caso, entende-se como mediação a ação de se reconhecerem.

Ainda, a partir da obra *Eu e Tu* (1974), a importância da mediação pedagógica pode ser observada na relação entre o Eu-Tu e o Eu-Isso, de modo que a relação Eu-Tu é caracterizada pela autenticidade, reciprocidade e presença do encontro direto entre dois seres, enquanto Eu-Isso é percebido como um objeto a ser utilizado ou manipulado para satisfazer as necessidades do Eu. Assim, O “Tu”, na relação Eu-Tu, é reconhecido como um ser dotado de dignidade e subjetividade, essa interação é marcada pelo diálogo e pela busca por uma compreensão, sendo assim, a mediação está presente, pois infere-se a consciência do “Entre”, em torno dos indivíduos. Já o “Isso”, na relação Eu-Isso, é tudo o que é visto como um objeto ou coisa, incluindo as outras pessoas. Desse modo, quando o indivíduo se relaciona com o outro como um objeto a ser usado ou manipulado em vez de como um humano digno de respeito, isso impede a mediação, pois há confronto e uma percepção de separação entre o Eu e o mundo.

Para Zuben, “O Eu de Eu-Isso usa a palavra para conhecer o mundo, para impor-se diante dele, ordená-lo, estruturá-lo, vencê-lo, transformá-lo. Este mundo nada mais é que objeto de uso e experiência” (Zuben, 1974, p. 51). Dessa maneira, ao considerar-se o ambiente escolar, implica-se que a mediação pedagógica busca justamente romper com essa percepção de separação e objetificação, promovendo uma abordagem mais humanizada na relação entre o educador e o educando, bem como entre os próprios discentes.

Entende-se, a partir do exposto, que mediação é diálogo. Essa perspectiva traz à tona uma reflexão profunda sobre a natureza das interações humanas e os desafios enfrentados nas relações cotidianas. Essa vinculação entre diálogo como representação da mediação oferece uma abordagem de destaque para entender a dinâmica das relações interpessoais. Nesse entendimento, o diálogo é a essência da mediação. O diálogo autêntico, representado pelo encontro de Eu-Tu, é um espaço no qual as pessoas se reconhecem mutuamente como seres únicos e se envolvem em uma troca significativa e respeitosa. Nesse contexto, a mediação se manifesta como a capacidade de construir pontes entre as perspectivas individuais, de

buscar o entendimento mútuo e de trabalhar em direção a soluções que considerem as necessidades e desejos de ambas as partes.

Diante disso, um exemplo em que a ausência da mediação pedagógica é implicada refere-se à relação em que o indivíduo se relaciona com o outro como um reflexo de si mesmo, em vez de como uma pessoa única e independente. Essa relação falsa leva a uma percepção de isolamento e solidão, para Buber (1974), “compreende-se que o mundo do Isso abandonado a si mesmo – isto é, privado do contato do tornar-se Tu, aliena-se tornando-se um íncubo” (p. 72). À vista disso, Buber reflete sobre a relação entre os seres humanos e o mundo ao seu redor,

Na verdade, ele [da pessoa e do egótico] não vê os entes que estão em sua volta, senão como máquinas capazes de diversas realizações, que devem ser avaliadas e utilizadas para o bem de sua causa. Assim, também ele se vê a si mesmo (ele deve apenas pôr à prova seu próprio poder de realização, através de experiências renovadas incessantemente, sem no entanto experimentar o próprio limite). Ele próprio usa a si mesmo como um Isso (Buber, 1974, p. 83).

Buber (1974) observa que algumas pessoas tendem a ver as outras e as coisas como meros objetos a serem usados para atingir seus objetivos pessoais. Essas pessoas não reconhecem a humanidade e a dignidade intrínsecas aos outros, mas os avaliam apenas por sua capacidade de produzir algo útil para sua própria causa. Ao mesmo tempo, essa perspectiva utilitarista também é aplicada ao próprio indivíduo, que é visto como um objeto a ser utilizado e testado em busca de sucesso e realização pessoal. Essa concepção de mundo, apresentada por Buber, pode ser vista como uma forma de objetificação das pessoas e das coisas ao redor, reduzindo-as a meros meios para se atingir um fim. Essa visão pode levar a uma relação superficial e utilitária com o mundo e com as outras pessoas, negando a possibilidade de uma conexão mais profunda e autêntica com o outro como um ser humano completo e único, na relação Eu-Tu.

Para Buber (1974), quando uma pessoa não consegue reconhecer a outra, ela é incapaz de viver a plenitude, pois a humanidade exige encontros. Assim sendo, conforme Parreira (2016, p. 216-217), o professor que adota a abordagem dialógica

deve estar consciente de que adversidades podem surgir, mas que elas têm um valor educativo quando são abordadas de forma adequada e saudável. Sobre isso, Buber afirma:

Nem por um momento, ele pode realizar uma manobra dialética, em vez de lutar a verdadeira batalha pela verdade. Mas, se ele for o vencedor, ele tem que ajudar o vencido a suportar a derrota e, se ele não pode conquistar a alma obstinada que o enfrenta (vitórias sobre almas não são tão fáceis), então, ele tem que encontrar a palavra de amor, a única que pode ajudar a superar tão difícil situação. (Buber, 2002, p. 128).

Dessa forma, para Parreira (2016), a postura dialógica do professor se reflete na palavra de amor, que tem o poder de acolher e reconhecer a diferença do estudante. Nessa relação, é possível realizar um encontro autêntico que valoriza a singularidade de cada um. Isso se mostra extremamente humano, pois não trata o estudante como uma coisa, mas reconhece sua diferença como parte fundamental de sua identidade. Assim, a atitude do professor pode fomentar sua confiança, reconhecendo-o como um ser humano legítimo.

A perspectiva educacional de Buber, segundo Parreira (2016), baseada na filosofia do diálogo, implica, em primeiro lugar, a ideia de que o professor não deve se preocupar em adotar métodos específicos ou seguir dogmas que orientem sua atuação como educador. Para ela, Buber defende que a prática educativa deve ser baseada em uma postura humana, ou seja, no exemplo pessoal do professor, que, de forma natural e espontânea, tem em vista garantir que o estudante conviva com alguém que o ensine por meio de atitudes reais no mundo, expressas na relação interpessoal.

Uma das obras fundamentais de Buber, com repercussões para compreender a mediação pedagógica, é *Do Diálogo ao Dialógico* (1982), que consiste em uma coletânea de ensaios e conferências, publicada originalmente em alemão, em 1951, e, *a posteriori*, traduzida para diversos idiomas. A obra é considerada uma das principais referências da filosofia do diálogo e da pedagogia dialogal, um conceito central na obra de Buber. Os ensaios abordam temas como a relação Eu-Tu, a alteridade, a comunicação, a educação e a ética, todos sob a perspectiva do diálogo e da relação interpessoal. Buber (1982) defende que a verdadeira compreensão do outro

só é possível por meio do diálogo, que é uma forma de encontro genuíno entre as pessoas. Além disso, destaca a importância do diálogo na educação, afirmando que o papel do professor não é apenas o de transmitir conhecimento, mas sim de estabelecer uma relação de confiança e respeito mútuo com o estudante, de forma que este possa se desenvolver integralmente como ser humano. A obra também apresenta uma crítica à sociedade moderna e à cultura do individualismo, que, segundo Buber (1982), tem levado ao isolamento e à falta de compreensão entre as pessoas.

Ao refletir-se sobre isso, é possível constatar que as barreiras da comunicação, a falta de empatia e a ausência de diálogo abrem espaço para mal-entendidos e tensões. Portanto, sob a ótica de Buber (1982), a mediação representa a habilidade de conduzir as relações humanas em direção ao diálogo e ao entendimento, enquanto a ausência dela representa o isolamento de perspectivas e a falta de abertura ao outro. A despeito disso, pode-se não elencar um instrumento mediador, mas perceber que existem elementos que podem convergir para o ato mediador. Nas palavras de Buber (1982):

A comunidade, entretanto, a comunidade em evolução (que é a única que conhecemos até agora) é o estar não-mais-um-ao-lado-do-outro, mas estar *um-com-o-outro*, de uma multidão de pessoas que, embora movimentam-se juntas em direção a um objetivo, experienciam em todo lugar um dirigir-se-um-ao-outro, um face-a-face dinâmico, um fluir do Eu para o Tu; a comunidade existe onde a comunidade acontece (p. 66).

O excerto apresentado pode ser interpretado como indicativo de um ato mediador ao trazer uma visão da comunidade¹¹, compreendida aqui como espaço escolar, como um processo dinâmico de estar *um-com-o-outro*, em contraposição à ideia de simplesmente estar *um-ao-lado-do-outro*. Para Queiroz e Weinberg (1982), essa criação de comunidade como um fluxo constante de relacionamentos interpessoais, no qual o Eu se dirige ao Tu, sugere uma abertura para a conversa e a interação entre as pessoas. O ato mediador, nesse caso, reside na valorização da experiência de

¹¹ Acerca do conceito sugere-se consultar: BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo, SP: Perspectiva, 1987. CARRARA, Ozanan Vicente. A noção de comunidade em Martin Buber. *Revista Filosófica São Boaventura*, [on-line], v. 11, n. 2, jul./dez. 2017.

se dirigir *um-ao-outro* e no reconhecimento da importância do encontro face a face, dessa forma, essa perspectiva mediadora busca superar a mera coexistência física ou a busca exclusiva de objetivos comuns, destacando a importância de se estabelecer uma relação interpessoal significativa, na qual o diálogo, a compreensão mútua e a reciprocidade são valorizadas.

Buber e seus possíveis cruzamentos com a mediação pedagógica

Como se viu até aqui, a filosofia de Martin Buber, notável por suas contribuições ao entendimento das interações humanas, apresenta uma série de conceitos que se relacionam com o termo mediação, que, por sua vez, levado ao contexto escolar, ganha cunho pedagógico, tornando-se, portanto, mediação pedagógica. Buber (1982) enfatiza a genuinidade nas relações interpessoais como um alicerce essencial, sendo assim, a mediação, quando aplicada a situações adversas, depende diretamente da autenticidade das relações entre as partes envolvidas. A construção de uma relação de confiança genuína é crucial para que a mediação possa ser eficaz na compreensão de conflitos.

Cabe aqui, portanto, apresentar a distinção entre diálogo e monólogo, representada pelos movimentos básicos dialógico e monológico, que é refletida na filosofia de Buber (1982), de modo que, o diálogo autêntico ocorre quando os indivíduos se abrem para o encontro genuíno com o outro, estabelecendo uma relação de reciprocidade e mutualidade. Por outro lado, o monólogo caracteriza-se pela falta de verdadeira conexão com o outro, pois cada pessoa permanece isolada em sua própria perspectiva e experiência. Claramente, o diálogo e o monólogo são distintos, no contexto da mediação. Essa distinção é fundamental, pois a mediação facilita o movimento dialógico, permitindo que as partes expressem suas perspectivas e se envolvam em um processo de diálogo autêntico e propício à compreensão e, posteriormente, à resolução dos conflitos. Essa diferenciação tem caráter pedagógico, uma vez destacado que o verdadeiro diálogo ocorre na interação entre Eu e Tu, enquanto o monólogo é centrado no egoísmo, em que há a ausência da mediação pedagógica.

O papel do silêncio também é destacado por Buber como parte do diálogo autêntico. A mediação frequentemente incorpora momentos de silêncio deliberado, de modo que este ocupe o papel de elemento reflexivo. Dessa maneira, o silêncio, integrante do diálogo verdadeiro, é também subsidiado pela pedagogia, que corrobora momentos de aprendizado.

Desse modo, a formação de uma comunidade autêntica, baseada na interação dialógica, é um ideal do filósofo judeu. Assim sendo, o diálogo possibilita a formação de uma comunidade, no caso, escolar, e é por meio da prática do diálogo e do reconhecimento mútuo do outro como pessoa dentro dessa comunidade que a mediação pedagógica se torna eficaz na superação das diferenças e dos conflitos. Por meio dela, as partes podem superar diferenças e construir relacionamentos mais fortes, contribuindo para a realização do conceito buberiano de uma comunidade genuína, com capacidade de aprender a se relacionar de maneira mais significativa e respeitosa.

A abordagem e os cruzamentos dos termos mencionados até aqui corroboram a compreensão da filosofia de Martin Buber como base para este texto, que avança para as dimensões sobre o entendimento do diálogo e dialógico. Segundo Buber (1982), há dificuldade de alcançar uma verdadeira comunicação e compreensão mútua entre as pessoas, ele ressalta que as palavras podem ser proferidas, entretanto, nem sempre se encontram e se conectam de verdade, consequentemente, reconhece a dificuldade de um pensar em comum, em particular quando não há experiência compartilhada entre as pessoas. O ato mediativo expressa a necessidade de um verdadeiro encontro e diálogo, em que as palavras não apenas sejam faladas, mas também sejam compreendidas e se encontrem verdadeiramente, dessa maneira, Buber (1982) adverte: “[...] e como seria possível querer exigir o dialógico! O diálogo não se impõe a ninguém. Responder não é um dever, mas é um poder” (p. 71).

Diante o exposto, é explorada a ideia do diálogo como poder e possibilidade de encontro genuíno entre os seres humanos, enfatizando que ele não pode ser imposto a ninguém, não é um dever, porém um poder que cada indivíduo possui. Dessa forma, Buber diferencia o diálogo do diálogo dialético, destacando que esse

não é um privilégio da atividade intelectual, mas algo que começa no mesmo nível que a humanidade como um todo, “o diálogo não é um assunto de luxo intelectual e de luxúria intelectual, ele diz respeito à criação, à criatura; e o homem de quem falo, o homem, de quem falamos, é isto, é criatura, trivial e insubstituível” (Buber, 1982, p. 71). Assim, não há distinção entre os dotados e os não dotados, mas entre aqueles que se abrem para o diálogo e aqueles que se retraem. O homem comum, trivial e insubstituível, é o foco da reflexão do filósofo judeu, que destaca que o sentido não é encontrado nas coisas ou colocado nelas, mas acontece entre os seres humanos e o mundo, no encontro dialógico. O diálogo possibilita a emergência da realidade atuante da criatura, na qual os homens são confiados e pela qual são responsáveis.

À vista disso, a mediação pedagógica ocorre por meio da ruptura com a rotina e o automatismo. Destaca-se, assim, a importância de romper com o estado de adversidade impassível, em que vive o homem, imerso na fadiga e no absurdo cotidiano. Essa ruptura, que não é uma ruptura catastrófica ou desesperada, mas uma que liberta o indivíduo desse estado, permite um contato autêntico com a realidade da criatura e abre espaço para a possibilidade do diálogo. Nesse contexto, por meio da mediação pedagógica, pode-se despertar a consciência do indivíduo para a necessidade de romper com a superficialidade e o automatismo que caracterizam sua relação com o mundo. Sendo assim, conforme Buber,

O que me interessa é o turvo, o reprimido, a rotina, a fadiga, o tedioso absurdo – e a ruptura; É a ruptura e não a perfeição; e, na verdade, a ruptura não provinda do desespero, com suas forças mortíferas e renovadoras, não, não aquela grande e catastrófica, ruptura que acontece uma só vez [...] mas a ruptura que liberta do estado de adversidade impassível, de contrariedade e absurdo, onde vive o homem que eu destaco ao acaso do tumulto, onde ele vive e com o qual ele pode romper e às vezes rompe (Buber, 1982, p. 71).

A mediação envolve uma mudança de perspectiva e uma disposição para se engajar em interações mais autênticas, olhar por olhar, sinal por sinal, palavra por palavra, tanto recebendo quanto oferecendo uma palavra dirigida à realidade. A mediação ocorre quando o indivíduo reconhece a importância da ruptura com a

rotina e se abre para uma experiência mais profunda do diálogo, abandonando o conformismo e a resignação. É um convite para transcender a mera funcionalidade das interações e buscar um sentido compartilhado entre o Eu e o mundo ao seu redor.

Desse modo, Buber (1982) exemplifica: “[...] nada está tão a serviço do diálogo entre Deus e o homem como esta troca de olhares, sem sentimentalidade e romantismo, entre dois homens num lugar estranho” (p. 72). Nesse excerto específico, destaca-se que a troca de olhares entre dois seres humanos em um lugar estranho é um exemplo concreto do diálogo autêntico que pode ocorrer, pois, enfatiza-se a necessidade de se afastar de abstrações sentimentais ou conceitos idealizados e, em vez disso, se envolver em um encontro genuíno no qual o diálogo pode ocorrer.

Enfim, nessa reflexão sobre os cruzamentos entre os conceitos de Martin Buber e a prática da mediação pedagógica, fica evidente a riqueza e a potencialidade dessa interação. A filosofia de Buber, centrada na autenticidade das relações interpessoais e no diálogo genuíno, oferece uma base sólida para a compreensão e a aplicação da mediação em contextos educacionais. Ao reconhecer a importância da valorização do outro como ser único e da construção de comunidades autênticas, a mediação pedagógica se alinha perfeitamente com os princípios buberianos. Nesse sentido, a mediação pedagógica não apenas facilita a compreensão e/ou a resolução das divergências, mas também promove um ambiente de aprendizado enriquecedor, em que o diálogo e o encontro genuíno entre os indivíduos são valorizados como fontes de crescimento e compreensão mútua.

Considerações finais

O presente artigo buscou explorar as aproximações entre o conceito de mediação pedagógica e a filosofia de Martin Buber, com o intuito de promover uma reflexão aprofundada sobre a importância do diálogo e da relação humana no contexto educacional. Os principais objetivos delineados foram analisar as influências da filosofia buberiana na prática da mediação pedagógica e identificar possíveis contribuições mútuas para a educação, visando uma abordagem mais humanizada e significativa no processo de ensino e aprendizagem.

No que tange à avaliação dos objetivos propostos, é possível afirmar que foram alcançados de maneira satisfatória. Por meio de uma pesquisa qualitativa, embasada em referências bibliográficas relevantes, foi possível analisar as ideias de Martin Buber sobre o diálogo, a relação Eu-Tu e a importância do encontro interpessoal, e como esses conceitos podem ser aplicados na prática da mediação pedagógica. A revisão da metodologia e dos dados analisados evidenciou a consistência teórica do estudo, permitindo uma reflexão aprofundada sobre as interseções entre a filosofia de Buber e a prática educativa.

Dentre os resultados possíveis de apresentar aqui, destaca-se a constatação de que a filosofia de Martin Buber oferece uma base sólida para a compreensão e aplicação da mediação pedagógica em contextos educacionais. A valorização do diálogo, do reconhecimento mútuo e da relação interpessoal autêntica, conforme preconizado pelo autor, contribui não apenas para a resolução dos confrontos, mas também para a promoção de um ambiente de aprendizado enriquecedor, no qual o encontro genuíno entre os indivíduos é valorizado como fonte de crescimento e compreensão mútua. Assim, os resultados desta incursão reforçam a importância de integrar os princípios buberianos na prática educativa, visando uma educação mais humanizada, dialógica e significativa.

Referências

- BUBER, Martin. *Do diálogo ao dialógico*. Tradução de Marta Eksten de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo, SP: Perspectiva, 1982.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo, SP: Centauro, 1974.
- BUBER, Martin. *Encontro: fragmentos autobiográficos*. Tradução de Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo, SP: Perspectiva, 1987.
- BUBER, Martin. The Education of Character. In: BUBER, Martin. *Between Man and Man*. Introduction by Maurice Friedman. London, UK: Routledge, 2002. p.123-139.

CARRARA, Ozanan Vicente. A noção de comunidade em
Martin Buber. *Revista Filosófica São Boaventura*, [on-line], v. 11, n.
02, jul./dez. 2017.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*: Formação da Família
Brasileira Sob o Regime da Economia Patriarcal. 51. ed. São Paulo,
SP: Global, 2006.

OLIVEIRA, Manoel Messias; QUILLICI NETO, Armindo. O
diálogo como instrumento pedagógico: contribuições de Sócrates
e Martin Buber. *Revista Poiésis Pedagógica*, Catalão, GO, v. 20, p.
111-123, 2022.

PARREIRA, Gizele Geralda. *Martin Buber e o sentido da
educação*. Goiânia, GO: IFG, 2016.

QUEIROZ, Marta Ekstein de Souza; WEINBERG, Regina.
Prefácio do tradutor. In: BUBER, Martin. *Do diálogo ao dialógico*.
Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg.
São Paulo, SP: Perspectiva, 1982.

RIBEIRO, Cleberson Pinelli. *A mediação pedagógica como prática
de compreensão dos conflitos escolares*. 2020. 159 f. Dissertação
(Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba. Uberlândia,
MG, 2020.

RIBEIRO, Cleberson Pinelli; NOVAIS, Gercina Santana.
Mediação pedagógica, um conceito potente e ausente? O que diz a
produção acadêmica no Brasil. *Revista Poiésis Pedagógica*, Catalão,
GO, v. 20, p. 64-77, 2022.

ZUBEN, Newton Aquiles von. Introdução e notas. In: BUBER,
Martin. *Eu e Tu*. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. 10. ed.
São Paulo, SP: Centauro, 1974.